

PINTASILGO CONDENA
CORRIDA AO ARMAMENTO

Fundação Cuidar o Futuro

2.10.79

"CORREIO DA MANHÃ"

O Primeiro-Ministro Lurdes Pintasilgo apelou ontem, na Assembleia Geral da ONU para «a consciência internacional» com vista a que se encontrem «condições para uma progressiva normalidade de vida das populações de Timor Leste».

No ponto em que se ocupava do direito à auto-determinação, Lurdes Pintasilgo referiu ainda os casos da Namíbia e do Zimbábue formulando votos para que se encontre uma fórmula, na conferência de Londres, «que restaure a legalidade, defenda com equidade os diversos interesses legítimos envolvidos e restitua ao povo do Zimbábue a liberdade efectiva da sua voz e vontade, sem tutelas de minoria interna».

O chefe do executivo português reiterou, em nome de Portugal, a «condenação da prática política e social do «apartheid», que defende gravemente a consciência moral das nações e constitui negra barreira para um integral progresso humano».

Referindo-se ao direito à paz, a estadista portuguesa afirmou que «não há estratégia de desenvolvimento, para a década de 80 que seja compatível com a continuação da actual política de corrida aos armamentos».

Assim, acrescentou, «ou a maior parte dos recursos financeiros científicos e tecnológicos são «desviados» para a solução dos problemas de desenvolvimento, ou o equilíbrio e a nova ordem mundial não passarão de mitos».

Reconhecendo a complexidade e «o melindre» das negociações de desarmamento, congratulou-se, em nome de Portugal, com as negociações Salt e atribuiu «significativa importância» às iniciativas no sentido de serem estabelecidos «esquemas regionais de segurança», conforme ocorre com a conferência sobre segurança e cooperação na Europa.

Referindo-se ao direito à Pátria, deixou «o claro testemunho de Portugal» acerca das expectativas da gente palestina «para que lhe seja reconhecido o inalienável direito humano de possuir uma Pátria, a que livremente se



Maria do Lurdes Pintasilgo conversa com Kurt Waldheim, num intervalo dos trabalhos

acelera, e seja posto termo a uma situação que afecta a consciência moral das nações».

Lurdes Pintasilgo considerou imperativo, paralelamente ao reconhecimento dos direitos fundamentais dos povos nas suas diversas manifestações, «criar e consolidar» um direito ao património comum da humanidade.

Neste sentido, defendeu a incorporação, numa futura convenção relativa ao direito do mar, de princípios como o do «património comum da humanidade» e a procura de soluções jurídicas «visando uma mais justa redistribuição dos recursos naturais vivos e não vivos, à escala mundial ou regional», como passo «constutivo de uma nova ordem mundial».

Para encontrar «novos modelos» da sociedade, o Primeiro-Ministro Português, propôs «o abandono do egoísmo institucionalizado e a procura deliberada de metas sociais e culturais, que se si-

tuem num registo diferente do mero crescimento económico», para os países industrializados.

Quanto aos países pobres, apontou o cultivo do diálogo e a redescoberta de que «uma ordem mais justa não depende somente da tolerância, da compreensão e das «concessões» dos ricos, que cada país pobre pretende, à sua maneira, ganhar para si, mas da clareza dos nossos propósitos, das irrefutáveis conquistas que tivemos feito na ordem interna».

Para uma nova solidariedade mundial, Lurdes Pintasilgo atribuiu às Nações Unidas a responsabilidade de «assumir o desafio», pois que «a linha de consenso, apesar de difícil, não é irrealizável».

Para Lurdes Pintasilgo, «o que está em jogo não é somente uma mudança de forma de vida, nem apenas um novo prognostico nas relações entre povos e países, nem sequer uma mera estratégia respeitável de sobrevivência in-

ternacional».

A sua proposta é a da «necessidade imperativa de juntos, pacientemente, desenharmos, com fraternidade e à luz da nossa humana medida, os rostos que vêm faltando ao relacionamento entre as nações».

A Primeiro-Ministro portuguesa não se esqueceu de sublinhar perante a Assembleia Geral da ONU, como indispensável o reforço dos valores culturais na defesa de «uma comunidade mundial mais rica na sua diversidade», dentro da linha que propôs de «desenvolvimento endógeno» dos povos.

Especificando, nela englobaria «o respeito pelo ritmo de crescimento de cada região», o «melhor aproveitamento das suas matérias primas» e a «capacidade de uma dada sociedade fazer face, de forma dinâmica, à sua própria evolução histórica, com a cultura que é a sua e os materiais que são os seus».

Para Pintasilgo, por tudo



Por outro lado, o Ministro Português também conferenciou nas Nações Unidas e em Nova York com Kaddouni e Terzi da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) sobre a realização em Lisboa de 2 a 6 de Novembro da Conferência Mundial de Solidariedade com o Povo Árabe e a Causa Palestiniana.

Embora se tivesse constatado o carácter não governamental da conferência, ficou no entanto assente por ambas as partes que dirigentes mais representativos do Mundo Árabe ou Palestiniano que visitassem Lisboa nessa ocasião teriam oportunidade de estabelecer contactos com autoridades portuguesas.

Por outro lado, Freitas Cruz conferenciou com o seu homólogo francês, Jean François-Poncet, durante cerca de

uma hora, sobre a próxima visita à França do Presidente da República, General Ramalho Eanes.

Freitas Cruz avistou-se também com o Ministro Romano dos Negócios Estrangeiros, Stefan Andrei, com quem debateu várias questões no contexto das Relações Luso-Romenas e Problemas Ligados à Conferência de Segurança e Cooperação Europeia, que se realiza em Madrid no final do próximo ano.

As conversações de Freitas Cruz com o ministro Ianziano dos Negócios Estrangeiros incidiram sobre as relações de Portugal com os países de expressão portuguesa e a evolução do problema rodesiano.

Freitas Cruz teve igualmente contactos com o seu homólogo da Jugoslávia.

Fundação Cuidar o Futuro

quanto disse, «não é possível falar em termos mundiais quando se não afirma, explicitamente o homem singular».

Por isso, rematou o seu discurso, lendo uns versos dum poeta português contemporâneo que metafóricamente liga o povo português à humanidade inteira.

FREITAS CRUZ NAS NAÇÕES UNIDAS

O Ministro Português dos Negócios Estrangeiros foi convidado pelos seus homólogos do Bahrein e da Líbia a visitar oficialmente aqueles países Árabes.

Aos seus homólogos dos Países Árabes Freitas Cruz exprimiu o interesse do Governo português na intensificação dos contactos entre Portugal e esses países, no prosseguimento de uma política baseada em laços culturais e históricos que os aproximam.

O Primeiro-Ministro português quando ontem discursava perante a Assembleia Geral da ONU

